



Carlos Fernando Matias de Souza substituiu Ruy Pereira da Silva na direção da Fundação Cultural do DF. A posse do novo diretor será na sexta - feira

MUDANÇAS NA FCDF

Depois de Ruy, novo diretor não admite censura e elitismo

CELSO ARAUJO

Depois da terceira gestação, o executivo Ruy Pereira da Silva perde o cargo de diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal. Inesperadamente, o novo diretor - executivo da FCDF, Carlos Fernando Mathias de Souza, foi anunciado ontem pela Secretaria de Educação e Cultura do GDF, Eurides Brito, numa movimentada entrevista coletiva, pela manhã.

As primeiras informações oficiais eram de que se tratava apenas de uma mudança de rotina. Não se falou do imenso desgaste que levou a Fundação Cultural a tornar - se um órgão obsoleto e nem de um descontentamento quase unânime com a administração de Ruy Pereira da Silva.

Como disse uma fonte do Palácio do Buriti, o caso de Ruy Pereira da Silva é como o caso do parafuso: vai se desgastando, enferrujando, até não dar mais. Ontem pela manhã, a Secretária Eurides Brito anunciou o que considerava apenas "o noivado" de Carlos Fernando Mathias de Souza com a Fundação Cultural, já que "o casamento" será às 11 horas da manhã de sexta - feira próxima, na sede da entidade.

As razões da demissão? Segundo Eurides Brito, que falou sem nenhuma surpresa, o pedido de afastamento foi feito pelo próprio Ruy Pereira da Silva, no final da semana passada, alegando motivos pessoais:

- O doutor Ruy não entrou em detalhes e só a ele caberia responder as razões do seu pedido. Ele falou de alguns problemas, como o cansaço à frente das funções executivas. Como presidente da FCDF, submeti ao Conselho o pedido do doutor Ruy e logo em seguida o nome de Carlos Fernando Mathias.

E os requisitos da Secretária para escolher o novo diretor executivo?

- O professor Carlos Fernando Mathias teve o interesse da unanimidade do Conselho. Em primeiro lugar, porque é alguém que ama as artes e tem competência administrativa. O próprio governador Lamaison aprovou a indicação. Ele já foi membro do Conselho Deliberativo da Fundação por oito anos, de 66 a 74, e deu uma grande contribuição ao setor de cultura, tanto a nível local quanto em âmbito nacional.

Quanto às sucessivas crises que fizeram da Fundação Cultural um órgão de difícil acesso ao movimento cultural, caracterizado pelo elitismo, pela falta de agilidade, por projetos suntuosos que nunca foram à frente, pelo abandono das salas de teatro (o maior exemplo: o Teatro Nacional), a Secretária Eurides Brito preferiu calar - se e dizer "que essas avaliações cabem à imprensa. O que posso é falar de nossas metas, em fase de elaboração".

E Eurides Brito aproveitou a ocasião para falar do Plano Integrado de Educação e Cultura, já em elaboração final e que consiste muito mais numa série de compromissos que projetos fechados. No plano cultural, que a Secretária considera de extrema

polivalência, há a necessidade de uma programação cada vez mais freqüente e da qual participem todos os setores da comunidade.

Assim, a Secretária prevê uma maior participação na vida cultural de Brasília por parte das embaixadas estrangeiras aqui sediadas, por um público universitário numerosíssimo, e que ainda permanece à margem, e por parte das manifestações mais populares, sejam de origem nas cidades-satélites ou nas regiões vizinhas ao Distrito Federal.

Propõe - se, ainda, um entrosamento dos setores Educação e Cultura, a nível administrativo e a preocupação de formação de um futuro público. "Queremos oferecer uma atividade cultural bastante diversificada".

Com esses propósitos, concorda o novo diretor - executivo da Fundação, Carlos Mathias, que deu sua primeira entrevista falando em latim, citando Henriette Morineau e mostrando-se perfeitamente à vontade no trato com a imprensa, ao contrário do doutor Ruy Pereira da Silva, que sempre

aparecia com relatórios na mão e não fugia do formalismo.

Professor de História da Arte, Carlos Fernando Mathias de Souza foi coordenador da comissão que, em 1970, efetuou o levantamento dos documentos e monumentos históricos e artísticos do Distrito Federal. Daí, um de seus propósitos: dinamizar esses espaços e não deixá - los entregues às traças, como o Cine Teatro Cultural, o Teatro Nacional, os teatros Galpão e Galpãozinho e o Teatro da Escola - Parque, em primeiro plano.

Seu currículo é variado: organizador de dois festivais folclóricos, trabalhou na elaboração do projeto de funcionamento da Faculdade da Fundação Brasileira de Teatro (Dulcina de Moraes), participou dos trabalhos que acabaram na regulamentação da profissão de artistas e técnicos em espetáculos, elaborou regulamentos de prêmios literários nacionais para o INL e para a Funarte, elaborou o regulamento do Troféu Mambembe, do Serviço Nacional de Teatro, viajou por vários países representando o Brasil em questões de proteção a

obras artísticas e ao patrimônio histórico e foi professor na Universidade de Brasília e Ceub.

Carlos Fernando começou falando em abrir espaço para as novas possibilidades do movimento cultural de Brasília, após uma interpelação do ator Ary Pararaia, de *Os Sete Trabalhos de Estíve*.

- Não podemos conceber cultura a não ser como um processo de renovação constante. Não podemos dissociar Brasília de sua vocação metropolitana, basta dizer - da presença importante das embaixadas, com quem queremos entrar em estreito contato. Não podemos dispensar qualquer tipo de público. Temos que cobrir o Teatro Nacional aos movimentos folclóricos das cidades - satélites.

Diz Carlos Fernando que o papel da Fundação Cultural não é ser um feitor nem gestor da vida cultural da cidade, mas um elemento de suporte e apoio.

- Não esquentei a cadeira ainda, só tomo posse na sexta - feira e não posso situar melhor meus projetos ou as idéias novas. Só sei que não haverá temas proibidos na Fundação Cultural. Nenhum tipo de censura.

Carlos Fernando referia-se às constantes intromissões de Ruy Pereira na programação da Fundação por "motivos políticos", como o célebre caso da *Revista do Henfil* ou da proibição de exibição de um filme cubano: *A Última Ceia*.

- Tenho grande simpatia pelos movimentos culturais de Brasília e tenho acompanhado com bastante interesse. Fui um dos que trouxeram a Fundação Brasileira de Teatro, da minha amiga Dulcina de Moraes, para Brasília e vamos dinamizar aquilo lá.

Brasília é um pólo gerador de cultura, admite Carlos Fernando, citando as atividades do Clube da Poesia, do Sindicato dos Escritores e do movimento teatral.

- A proposta da Fundação não pode ser exclusivista, deve ser um somatório de todas as agências. Já tenho dados muito preciosos sobre a situação de Brasília, mas só quero falar mais concretamente depois da posse.

A posse do novo diretor executivo só será na sexta-feira porque tanto

hoje como amanhã já eram dias reservados na agenda da Secretária Eurides Brito para estar com o Ministro Eduardo Portella. Na sexta-feira, então, efetua-se o "casamento".

Um casamento difícil, pois Carlos Fernando vai encontrar um órgão deficitário em todos os sentidos. Falta-lhe tanto pessoal técnico (no momento, nenhuma assessoria, seja de música, teatro ou cinema, está funcionando), quanto pessoal de apoio administrativo. A Fundação tem também alguns "elefantes brancos" para dinamizar, como o Teatro Nacional (uma urgência), o melhoramento de todas as suas salas, uma programação mais adequada para o Cine Brasília e até mesmo melhor aproveitamento de suas verbas.

Em qualquer área, nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na literatura, o movimento cultural de Brasília se ressentiu de uma participação efetiva da Fundação não em tom paternalista ou de políticas equivocadas, mas que realmente seja um órgão dinâmico e em sintonia com as necessidades e interesse do público.

O ambiente no Palácio do Buriti, na manhã de ontem, era de animosidade. Os próprios assessores da Secretaria de Educação reconheciam "o novo ar" transmitido pela presença de Carlos Fernando à frente da Fundação Cultural. Afinal, o próprio doutor Ruy Pereira da Silva não era mais simpático nem entre seus funcionários. Muitos assessores, cansados se demitiram antes que ele fizesse o pedido final de afastamento, provocado por uma longa crise, que acabou resultando no total esvaziamento da Fundação e de sua programação de espetáculos e eventos culturais.

Depois de 20 anos, a Fundação Cultural que teve como seu primeiro presidente um homem da importância de Ferreira Gullar, não pode continuar ignorando as necessidades de Brasília, a urgência de um projeto que conserve e dinamize sua memória, que integre o público nos teatros, nas ruas e nos cinemas. Oportunidades de levar adiante essas programações a Fundação tem de sobra: basta citar a presença aqui das embaixadas (farto material) e de expressões culturais vindas e assimiladas dos mais diferentes cantos do país, cantos do país.

Ruy Pereira da Silva vai para a área federal, dizem ontem os comentários. Com sua saída, encerra-se um capítulo da Fundação Cultural e segundo seu novo diretor, Carlos Fernando, entra-se para o estágio de realizações mais planejadas e consoantes com a realidade do Distrito Federal, dentro de um plano que assuma compromissos com as diversas manifestações locais e nacionais e procure integrar - se à prática educacional de uma cidade, que se ressentiu ainda de uma política democrática e assimiladora das mudanças.

Artistas recebem substituição com entusiasmo

CARLOS ARAUJO

"Como é mesmo? Eu não estou sabendo ainda. É verdade? Esta é a melhor notícia que eu poderia receber hoje de manhã", disse Pedro Anísio, um dos membros da Associação Brasileira de Documentaristas, (ABD-DF), ao saber da notícia da queda do Diretor Executivo da Fundação Cultural. E tal como Pedro Anísio, outras pessoas ligadas a atividades culturais de Brasília também não conseguiram disfarçar seu contentamento com a mudança. Para o professor de cinema Rogério Costa Rodrigues a saída de Ruy Pereira da Silva pode ser a primeira grande conquista de Brasília na década de 80, pois "ele era um entrave ao processo cultural da cidade", admite Rogério. O professor e ator João Antônio, da Ensaio Teatro e Dança, embora demonstrando menor entusiasmo, espera que o novo diretor "possa incrementar mais a área de dança, a partir da luta dos próprios interessados, porque o teatro brigou e conseguiu mais espaço".

Na opinião de Pedro Anísio a substituição de Ruy Pereira da Silva é uma ótima notícia para a cidade mas lamenta que o cargo seja entregue a uma pessoa desconhecida "pelo menos para mim".

É uma pena que a pessoa escolhida não tenha o respaldo da classe que faz cultura em Brasília, afirma ele. No Brasil, continua Pedro Anísio, está muito em moda o surgimento de pessoas desconhecidas para assumir cargos relevantes e como exemplo tivemos o atual ministro da Justiça. Isto já é praxe do governo e agora aconteceu com a Fundação Cultural.

POLO DE CINEMA

A criação de um pólo cinema-

tográfico em Brasília está sendo a meta da ABD-DF e a instituição encaminhou um projeto nesse sentido, à Embrafilme", conta Pedro Anísio.

- A minha primeira sugestão ao novo diretor da Fundação é que seja aprovado o nosso projeto, porque a Embrafilme o recebeu e aprovou totalmente. O projeto prevê a criação de um pólo de cinema, onde a Embrafilme entraria com 50 por cento e a Fundação com a outra metade. Acontece, continua Pedro, que o Ruy Pereira sempre foi inimigo do cinema. Ele sabia da existência do projeto, embora não oficialmente, mas não quis saber.

Para o membro da Associação de Documentaristas, no entanto, o novo diretor da Fundação deveria se preocupar também em levar atividades culturais à periferia, pois na gestão anterior falava-se em dinamizar a cultura nas cidades-satélites "por pura demagogia". Mas o maior problema é o cinema. Até mesmo o teatro, embora precariamente, ainda consegue existir. Por isso a ABD está discutindo com a comissão de cineclubes a criação de um circuito independente, que será formado pelos 18 cineclubes de Brasília. E a Fundação poderia contribuir para a incrementação da área de cinema, a mais castrada durante a gestão de Ruy Pereira da Silva".

Outro ponto destacado por Pedro Anísio foi o Festival de Cinema, que ele considera ter caído muito em qualidade e organização, nos últimos anos. "Por isso eu acho que tanto Vladimir Carvalho quanto Luiz Humberto poderiam desempenhar perfeitamente a função de diretor da FCDF porque conhecem a problemática cultural de Brasília e sabem como descobrir as saídas".

lugar de troca de idéias e um verdadeiro centro de criatividade e principalmente de participação.

POLOS CULTURAIS

A reativação do Centro de Criatividade, "que tem um papel importante na vida cultural mas o Ruy acabou", bem como um esforço para a reabertura do Cine Cultura e a dinamização do Cine Brasília, "com uma programação voltada para a comunidade", foram outros pontos ressaltados por Rogério Costa Rodrigues como meta prioritária do novo administrador da Fundação Cultural. Para ele, não faz sentido a permanência de um espaço como o Centro de Criatividade, totalmente fechado, sem a participação dos interessados no processo cultural. Por outro lado, a abertura definitiva do Teatro Martins Pena, também foi destacada, que deve estar voltado para a comunidade "e não apenas para as obras da primeira dama", como ele diz.

- É preciso fazer destas salas verdadeiros polos culturais. E principalmente com relação ao cinema e particularmente o cinema brasileiro, no sentido de envolver o povo, transformando o Cine Brasília numa sala que não tenha o caráter elitista, e reformular totalmente a estrutura do Festival de cinema, diz Rogério.

Ele destacou ainda a importância da volta de antigos assessores de Ruy Pereira da Silva: "São pessoas que deram tudo de si mas a atuação do diretor da FCDF se tornou tão incompatível com estas pessoas que elas acabaram se afastando. Acho que é hora de chamá - las de volta, pois a cidade deve muito a elas".